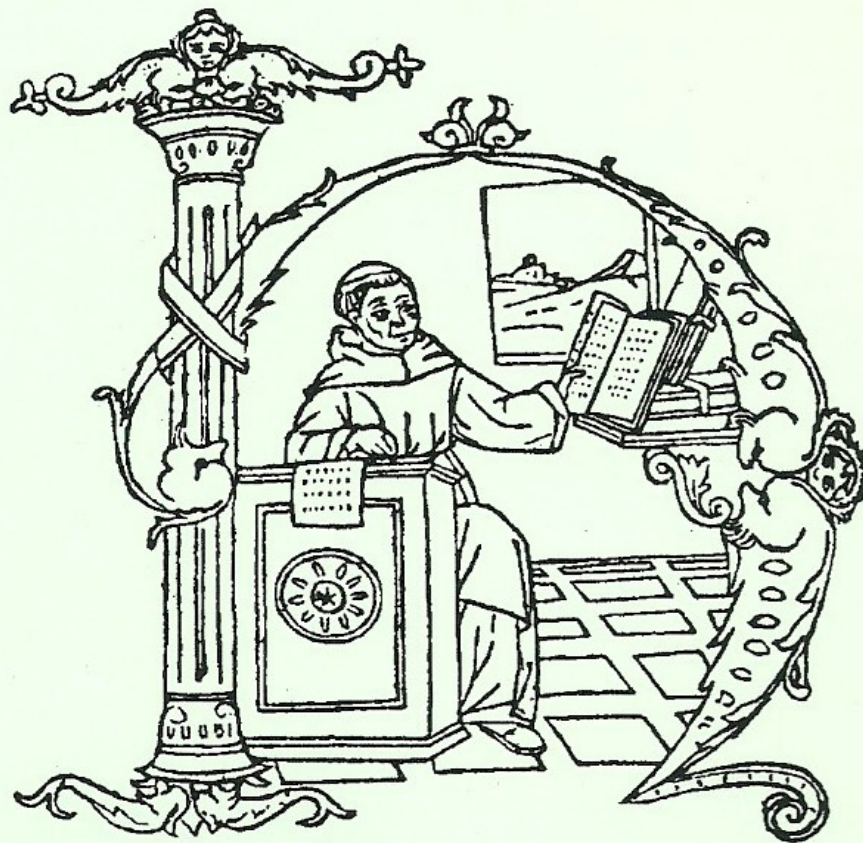


IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

DA

Academia Paulista de Letras



Pretérito Presente

Pax Spes

Pretérito Presente

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

DA

Academia Paulista de Letras

Apresentação

Neste pequeno livro, reúno versos antigos (dois livretos escritos em 1961, em uma hora cada um) e alguns novos, de 2003.

Aos 68 anos, continuo sentindo, na poesia, o porto seguro para aplacar o cansaço próprio da atividade profissional, exercida em país que amo, mas que vai cedendo, cada vez mais, a interesses corporativos e pouco confessáveis, em detrimento dos ideais para a construção de uma pátria maiúscula.

Deus, a quem invoco desajeitadamente, Ruth, dádiva imerecida da minha passagem pela terra, a família, que amo, todos os amigos e amigas que fiz, e a pátria, ideal de dedicação desde os tempo do Ives menino, são os valores que me inspiram nesta luta modesta, em que a poesia é o bálsamo aos desencantos.

Mais um pequeno livro. E nada mais.

O AUTOR

Sumário

Apresentação	3
I VERSOS POR UMA HORA.....	5
II A CAPA DE ESPAÇO EM BRANCO	36
III VERSOS DE EU PRESENTE	70
2003.....	71
O TEMPO ETERNO	73
AMO-TE MUITO	74
DE QUE VALEM?.....	76
BOLHAS.....	77
RUTH.....	78
A ARANHA E O ALIMENTO	79
PAUSA	80
QUEM SOMOS	81
RUTH.....	82
UM RÁPIDO POEMA.....	83
LOBO IMAGINÁRIO.....	85
PARA O 5º DIA DOS NAMORADOS	86

I
VERSOS
POR UMA HORA

Sem prefácio,
o livro em branco,
eu começo,
inocentado
e inocentando toda a
IDÉIA
que há de vir.

Houve o mundo
e houve a tristeza.
Mas ninguém descortinou
A origem germinada.
E hoje o mundo e a tristeza
São irmãos desajustados
sem conceito de irmandade.

Que lirismo é mais chocante
O do amado vendo o parto
Ou do amado sem amada?

E quem disse que este livro
Não valia o seu papel
Desconhecia que a tinta
Vale as vezes um pincel.

E dizer que tanto pássaro
Os teus dedos conheceram!

Serenata de calor,
Sua branca a luz do amor
A mulata sem valor,
Desconhece o teu palor.
O meu canto é sem amor
O teu canto sem calor.
E dizer que trovador
Fui um dia sem valor,
Serenata de calor,
Numa noite sem amor.

Sinto as gotas de teus olhos
Duas gotas pantanosas,
Cujo musgo nos escolhos
Deu langor a estas glosas.

Nem o velho
e
nem a velha.
Nem o tempo e nem a vida
Só você, Ruth querida
Na su'alma a minha espelha.

O
meu
filho

Um convite
e
Um casamento.
Dois amigos que se unem.
Meu presente apenas crio
No refúgio de meu ego.
Sejam como a Ruth e eu.

E dizer que todo o dito
É pior do que o não dito!!!

Minha amada
é
Minha amada.

Redigi minha existência
Nos que são de minha
lavra.

E lerei cada volume
Cada vez com mais amor.

Sobre o canto da açucena
Só uma flor escreveu.

A mensagem.
Quem, na vida, a compreendeu?

O prelúdio é noite inteira.
Desde os tempos da alvorada,
É o começo de uma esteira
De quem caminha p'ro nada.

Até Orfeu versejou ...

Quem nasceu co'a noite n'alma
Que na noite encontre a
Calma!!!

Os meus versos já os fiz.
Quando menino estudava!!!
Hoje versos já não faço.
O menino está feliz!!!

Vinte.

Uma lira foi dos vinte..
De quando será a outra?

Você já viu que a mulher,
Quando bonita e fagueira,
Traz no rosto a humana história,
Narrada em pregão de feira.

E
Agora
o
meu silêncio.

Passo
a história
de
outra
história.

I

Houve outrora uma princesa,
que não cria no jardim.
O jardim de sua infância
Inexistia no
céu
de seu sonho de princesa.

II

Mas na história da princesa,
Como as histórias que são,
Um príncipe jardineiro

Ressuscitou o jardim.
E o jardim de sua infância,
foi no céu
A lua cheia.

III

Quem não viu, pelo céu, a lua cheia.

A princesa e o seu
jardim
com o tempo renasceram.

E o jardineiro do céu,
que outros jardins estrelados
Descobriria,
Renasceu, em cada noite,
Com o jardim da princesa.

IV

Outra história
e outro tema.

Esta é do mar.
Houve, outrora, um pescador
Que pescava pensamentos.

V

Sempre buscou,
pescareando,

Descobrir um pensamento,
que o alimentasse p'ra sempre.

Descobriu, um dia, o mesmo.
Pescou o peixe do fim
Cujo nome todos sabem,
Mas ninguém bem o conhece.

VI

E vai chegando
A chegada destas folhas.
Nesta corrida .olímpica....
De palavras mal dispostas
Não ultrapasso
Uma hora.
Bato o recorde do antes.

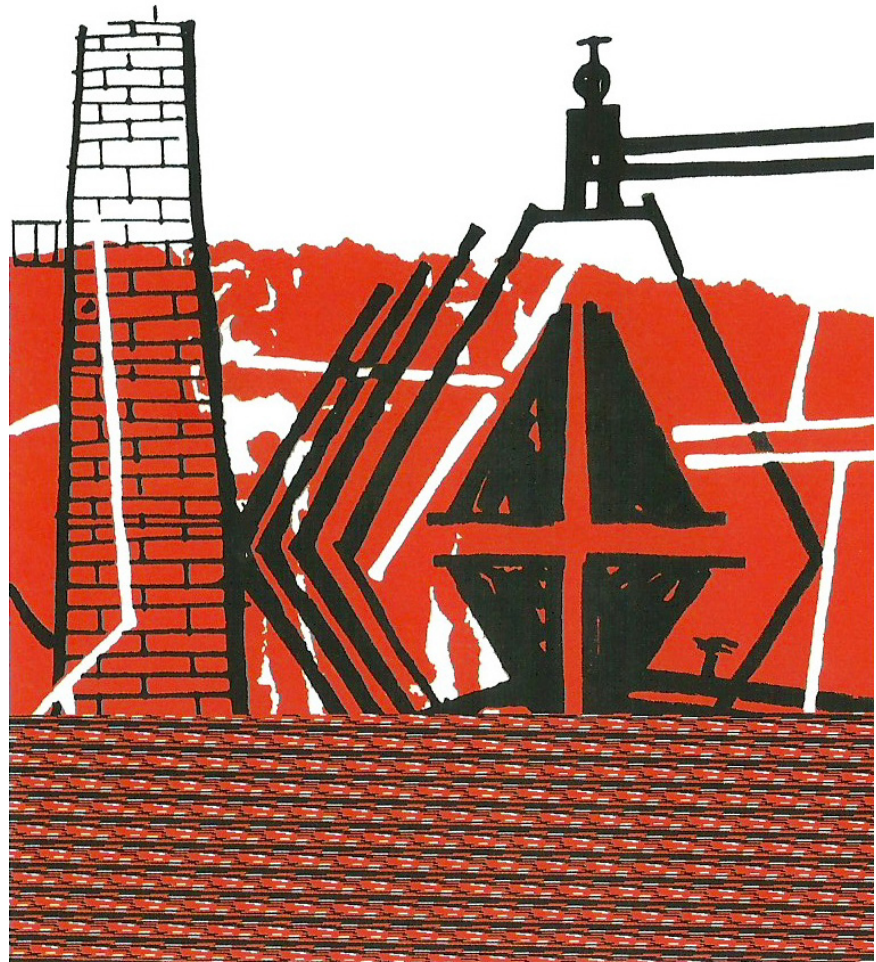
VII

Anteriormente foi
sempre.

Mas nem sempre a mesma coisa,
anteriormente.

II
A CAPA DE ESPAÇO
EM BRANCO

04/02/1961.



A capa é a força
do tempo,
atravessando por eras,
com limites de presente.

A chaminé defumada
É a escada de conquista,
momentânea,

Em pose para um poema.

Há quantas escadas
eu busco
Encontrar-te em minha vida,

Passo o tempo por escadas
e não vejo a
verdadeira.

O silêncio sem neblina
Da chaminé em silêncio
Cobre o verso nesta esquina
De metalúrgico incenso.

Aclareia-se o horizonte
No céu da pintura em branco;
Encontro o metro no veio
E o veio do metro espanco.

A tua boca carnuda,
Nos momentos hesitantes
São fileiras de rubi
Incrustado em diamante.

E o teu seio aprisionado
Em blusas feitas de lã
É como se a noite azul
Aprisionasse a manhã.

Mas de que vale a manhã
Nascer na escada da lua,
Se quanto mais me aproximo
Mais de mim ela recua.

Eis porque pelas escadas
Pisa a escada chaminé,
Escada da profissão,
Onde apenas pus o pé.

Alambique,
Forno em braza,
Forno goza não fundido,
Forjaria
d'água raza
O meu verso redimido.

Os teus olhos são forjados
Corno o forno no martelo,
Mas na forja dos meus olhos
Com os meus teus olhos selo.

No meu leito forjaria
O colorido da capa
A semente preludia
O mistério, que me escapa.

Bem parece para-raio
Outros dizem ser radar
Mas fico olhando na capa
Não sabendo mais que olhar.

Meu amor foi como a espera,
Agravam o teu encanto
E redimiste, apenada,
O silêncio em meu espanto.

E dizer que no passado,
Quando fora cavaleiro
Desconhecia o trabalho
Forjado num fogareiro.

Aprisionado no verso
A capa desfaz-se aqui,
Cansado passo a outro metro
Que outro metro descobri.

Vera Marta chama a mãe
A minha filha primeira,
Que virá, pelo futuro,
Suportar minha canseira.

N.B. Decidimos, Ruth e eu, darmos o nome não de
Vera Marta, mas de Ângela.

O meu filho tem meu nome
Mas o nome soa mais,
Nesta criança celeste
Que à minha alma traz a paz.

Já reparara o sorriso
De meu filho a todo instante?
É como um raio de lua,
Brilhando num diamante.

Se nos tempos das Cruzadas
Crianças fossem assim,
Talvez o Grall desfizesse,
Nos mistérios do jardim.

Este mundo d'Ives Filho,
Nos limites do jardim
É maior que todos mundos,
Pois é um mundo sem fim.

E pensar que tantas vezes
Deixo este mundo encantado
Para voltar, pela vida,
Àquele desgovernado.

Mamãe Ruth e o seu papai
São as estrelas do filho,
Seguem os pais sua senda
E os filhos vem no rasilho.

Quantas coisas são pintadas
Nas idéias infantis,
São os ramos de uma árvore
Que desconhece a raiz...

Ó meu filho, nem o tempo,
Nem quando fores papai,
Conhecerás o que eu sinto
E o que na minh'alma vai.

Mas teu filho bem que sei
Gostarei mais do que ti
E no filho de teu filho
Comprenderás isto aqui.

Esta história é tão humana
Assim como a humana história,
Passa a vida pelo tempo.
Mas fica sempre a memória.

Eis porque adoro ver-te,
Brincando pelo jardim,
Neste mundo sem limites
E nos limites do fim.

Talvez por esta razão
Dei-te meu nome, meu bem,
Pois sinto o mundo que vives
Nos momentos impossíveis.

E nestas últimas folhas,
Meu filho, volto a falar
De tua irmã que virá
Os meus olhos deleitar.

E a filha será, um dia,
O nosso encanto feliz
Pois nest'árvore da vida
Achará sua raiz.

E o teu pai e tua mãe,
Quando sumirem na estrada
Deixarão atrás de si
Uma bela caminhada.

III
VERSOS
DE EU PRESENTE

2003

Jaguariúna, 2 de Janeiro.

Um novo ano dos já muitos que vivi,
Em mundo cada vez mais complicado.
Desfaço, na memória,
O passado
Trespastado
E nada encontro igual nem semelhante.

Todos são mais livres
E nem por isto mais felizes.

Prisioneiros da liberdade,
Dela não sabem que fazer
E o que fazem, fazem mal.

Desemprego e violência
Guerra e mal querer.
O sexo sem amor gera prole irresponsável.

Conformam o inconformável mundo novo,
em que o próprio homem
Pode ser filho de ninguém.

Ou apenas da célula de um alguém.

Qual o destino desta nova gente,
Neste novo ano,
Neste novo mundo?

Ninguém sabe.
Quem o sabe? São poucos que O conhecem,
Muitos que o almejam
E muitíssimos os que querem
Dele ver-se livres,
Na insensata busca de um abismo, existencial,
em que o barulho das novas coisas

Descortina o vazio infinito
Das vidas sem significação.

Um novo ano,
que saúdo, como sempre,
na certeza
de que o futuro
a Deus pertence.

O TEMPO ETERNO

O tempo mais veloz, veloz se escoa.
E sinto cada vez mais perto o eterno.
A vida, quando a vejo, má ou boa,
A viro como as folhas de um caderno.

Por ideal lutei, sem resultados;
Com erros, com acertos, todo o dia,
Não me esquivei na busca de culpados,
Nem protegi-me em vã filosofia.

Certeza uma só tive, felizmente,
Que Deus não desampara quem procura
Desvendar o mistério que se sente,
Quando a noite se faz de toda escura.

Caminho pela estrada do infinito,
Ao compasso que segue o próprio rito.

Jaguariúna, 12/01/2003.

AMO-TE MUITO

P/Ruth

Amo-te, meu amor,
Amo-te tanto
Que não sei distinguir o teu amor.

Quando se busca no outro
A própria imagem,
O amor é amor próprio
E os ciúmes
Conseqüência.

O verdadeiro amor é doação
É querer o bem do outro
E não o próprio,
Respeitando todo o tempo alheio,
Perdoando sem limites,
Sem espaço
E servindo
E servindo
E servindo ...

O verdadeiro amor só tem um fim
Que é buscar sem recompensa

O que é do outro o bem que outro deseja.
Amo-te muito, amor,
Amo-te muito
E apesar do seu amor ser diferente
Sei que ele busca o mesmo diapasão
E a sinfonia soa no Universo
Com harmoniosas dissonâncias
e dissonantes harmonias.

Amo-te muito amor.
Amo-te hoje e sempre,
Pois o sempre faz o eterno

e o meu amor por ti
nasceu eterno.

SP 19/01/2003.

DE QUE VALEM?

O tempo que todos buscam,
A morte sempre esperada
Desventram nosso caminho,
Descobrem nossa incerteza.

Quantos amigos já foram,
amigos nasceram,
A rotina segue a vida
Até o fim do Universo.

Os cometas siderais
São muitos mais que as estrelas,
Um dia, talvez, um deles
Exploda a Terra de vez.

Os meus oito mais sessenta
Quase os tenho, mas que valem?

01/02/2003.

BOLHAS

As bolhas reluzem pelas noites,
Firmando estrelas dentro d'água,
Cristalina
Forma desventrada
Dos sonhos penetrando minas dantes,
Sem rumo,
Sem rubor,
Conferindo estepes nos tesouros,
Cobertos por besouros
E tudo em resto
Douros
Como sempre
Correndo em naves coloridas
Pelo espaço que o infinito
Faz de perto,
Sem aperto
Num imenso descompasso,
Que atravessa o fogo de aço,
Na verdade sem fronteiras
Corno o escuro sem seus astros
E os cometas cujas caudas
Se desfazem
Pelo eterno, no destempo
Temperado
Do eu agora.
Até quando?

02/02/2003.

RUTH

Coloriu-se de verde o que era azul
E o sorriso da noite fez estrelas,
Caminhamos do Norte para o Sul,
Na certeza de não poder retê-las.

Eu e tu desvendando luas novas,
Tu e eu descobrindo novos astros,
Desventura do imenso tu renovas,
Caravela deriva sem seus mastros.

Hã quanto tempo eu vivo em teu espaço,
Há quanto tempo não te vejo só,
O destino traçado, passo a passo,
Ao pó retornará o que era pó.

Além de Deus, em única verdade,
O nosso amor supera a própria idade.

04/02/2003.

A ARANHA E O ALIMENTO

A aranha tece a teia,
Feia, como a meia
De quem receia
A vista que medeia
A elegância própria
de uma ceia,
Sem senões de meias
ou de teias.

O alimento é presa triste,
Como viste
E não resiste
As forças de uma aranha antiste,
Onde nada existe
E que não desiste,
Pois falta
um dedo em riste
No que nunca descobriste.

A aranha e o alimento,
Momento
Em que o tempo arranha,
Faz do espaço o vento,
Que na própria sanha,

Descortina lento,
Sempre a mestria manha
De uma eterna aranha
Em busca de alimento.

16/02/2003

PAUSA

Problemas que o tempo gera
São “mal estares” da idade,
Juventude uma quimera,
Que parece ser verdade.

Tudo na vida se esgota,
Tudo tem seu preço certo,
Andamos, com ou sem bota,
Para o mesmo fim incerto.

O passado é tão distante,
o futuro bem ali,
O presente é só mirante
Do que nunca descobri.

Felizmente, eu amo os meus
E o que importa, eu amo Deus.

SP, 23/02/2003

QUEM SOMOS

Se lêssemos os pensamentos
De todos,
Quantas tristezas, quantas surpresas!
 Vivemos na busca intensa De parecer
 O que não somos
 E
 Nunca fomos.
Muitas vezes vergonha temos
Daquilo
Que nós sabemos
Não vale a pena
Desejar ou desvendar.
 Somente o sábio,
 Que se retirou de si mesmo,
 Consegue ser transparente.
Quantos sábios conhecemos?
 A vida é tão breve instante
 Que pouco nós descobrimos
 E, na imensa agitação,
 Morremos sem conhecê-la.
Há, todavia, um caminho
Que, apesar de tais misérias,
Pode dar sentido à vida.
 Depende de muita luta
 E, principalmente,
 De ter a graça divina.

S.P, 16/03/2003.

RUTH

O tema de meu verso é sempre o mesmo,
Espaço, tempo, amor e nostalgia.
Caminho por minh'alma sempre a esmo,
Mal desventrando a noite à luz do dia.

Não canso de dizer as mesmas frases,
Mas canso-me de olhar-me como sou,
São meu consolo nuvens que desfazes
Desde o tempo em que tudo começou.

O coração explode, muitas vezes,
Na busca permanente de teu sonho,
Correm os anos com seus doze meses
E o muito te querer sempre reponho.

Tenho sessenta e oito e quanta vida
Eu descortino em ti, mulher querida.

25/03/2003.

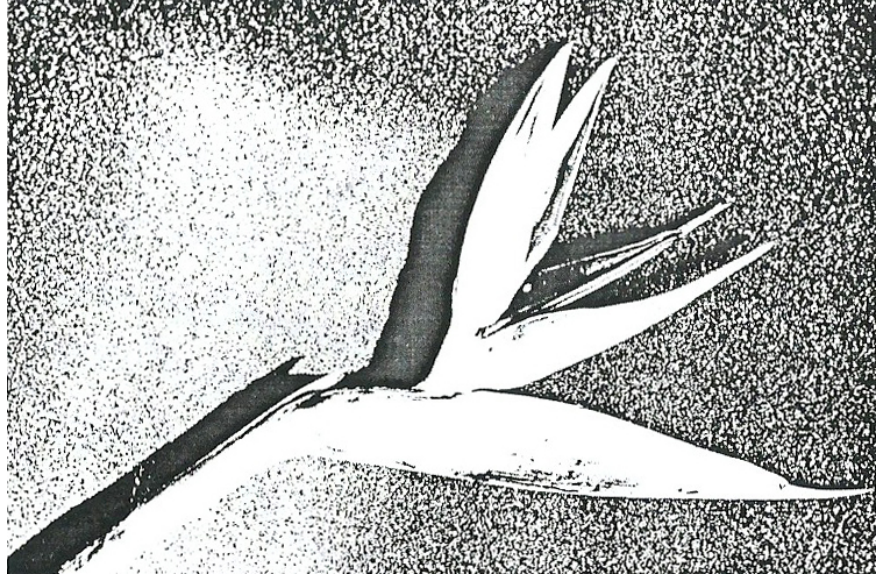
UM RÁPIDO POEMA

Um rápido poema.
Mais rápido que a vida
Se à luz da eternidade
E àquela de

Quem verseja.
Busco não perder o hábito
De poetar,
Se o coração resta a esmo.

Eis meu rápido poema.

SP. 30/03/2003.



LOBO IMAGINÁRIO

Voa um pássaro no céu,
Desvendando o próprio espaço,
Formata, na flor, o véu,
As asas em descompasso.

A flor é flor com o tempo,
Mas tem pétalas abertas,
Resistem, vivas, ao vento,
Nas eternas descobertas.

Um lobo, porém, parece
O retrato imaginário.
Abre a boca numa prece,
Curvado ao som do rosário.

Lobo e pássaro na flor,
É a natureza incolor.

*Para urna fotografia de Itaiçi.
SP. 31/3/03.*

PARA O 50º DIA DOS NAMORADOS

PARA RUTH (I)

Ao meu amor um poema
De quatro versos eu faço
Tu enches de vida a cena
Que vivo no teu espaço.

12/06/2013

PARA RUTH (II)

Eu comemoro os cinquenta
Bons anos de namorado
P'ra mim você aparenta
Ter começado o noivado.

12/06/2013